

Citibank amplia a fatia nos créditos para o setor estatal

por Ângela Bittencourt
de São Paulo

Uma fatia significativa das operações de empréstimos de bancos estrangeiros credores do Brasil a empresas estatais foi liderada pelo Citibank. Neste ano, o volume de contratos deverá somar algo em torno de US\$ 4 bilhões. Deste total, cerca de 30% — ou US\$ 1,23 bilhão — corresponde a contratos liderados pelo maior credor do País, sozinho ou em parceria com outras instituições. Três operações foram lideradas exclusivamente pelo Citibank e outras cinco com o Bank of Tokyo, Lloyds Bank e Morgan Guaranty. Outros três empréstimos ainda estão em andamento, devendo estar concluídos, porém, até o final do mês.

A participação efetiva do Citibank com recursos provenientes do Projeto 2 de renegociação da dívida externa brasileira — comprometidos agora em operações com prazo de nove anos e cinco de carência — é de US\$ 211,7 milhões. Os empréstimos fechados foram feitos para as seguintes empresas no primeiro semestre deste ano: Estado de Minas Gerais, de US\$ 81,5 milhões; Itaipu Binacional, de US\$ 103 milhões; Siderurgia Brasileira (Siderbrás), de US\$ 154,5 milhões; mais um outro contrato também para Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) de US\$ 81,8 milhões; Companhia Siderúrgica Paulista (Cosipa), de US\$ 104,5 milhões; e Usinas Siderúrgicas de Minas Gerais (Usiminas), de US\$ 54,7 milhões.

SEGUNDO SEMESTRE

Neste segundo semestre, além das três operações que estão em andamento, foram fechadas outras três: Companhia Energética de São Paulo (CESP), de US\$ 200 milhões; Usiminas, de US\$ 28,8 milhões e, Estado de Minas Gerais, de US\$ 85 milhões.

O Citibank participou também com 16,6% no volume de recursos direcionados para mais quinze contratos de empréstimos para estatais, desta vez liderados por outros bancos estrangeiros. De um volume total de US\$ 1.076 bilhão, o Citi cobre a parcela de US\$ 178,3 milhões. Des-

tes quinze contratos, oito já foram concretizados, o restante deverá estar sacramentado ainda neste mês.

No primeiro semestre, o Bank of Tokyo liderou um empréstimo para a Light Serviços de Eletricidade com a participação do Citi. As outras operações foram firmadas com as seguintes estatais: Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES); Companhia Estadual de Energia Elétrica (CEEE); Companhia Siderúrgica Paulista (Cosipa); Centrais Elétricas do Norte do Brasil (Eletrobras); Centrais Hidro-Elétricas do São Francisco (CHESF); Itaipu Binacional; e Centrais Elétricas Brasileiras (Eletrobras).

A organização desses empréstimos sindicalizados fica sob a responsabilidade no Citibank da divisão Capital Markets Group, e, segundo o vice-presidente Peter Anderson — responsável pela área —, a parti-

cipação expressiva do banco nas operações sindicalizadas deve-se em boa medida ao fato de as empresas estatais serem fortes clientes da instituição.

BANCO DE NEGÓCIOS

De acordo com Alcides Amaral, também vice-presidente do Citibank e principal responsável pelas operações do banco com o governo, o objetivo da instituição ao participar das operações é reciclar os recursos referentes à renegociação da dívida externa brasileira. A divisão de Capital Markets Group, no entanto, não é responsável apenas pela organização dos empréstimos sindicalizados. Peter Anderson pondera que atua no mercado de debêntures e ações como "underwriting"; opera também como intermediário em exportações de mercadorias; e ainda na compra e venda de empresas ou reestruturação de capital.

De acordo com Ander-

son, neste ano a sindicalização de empréstimos é o setor mais ativo da divisão, seguido pelas operações de fusões de empresas ou aquisições. Quase como um banco de negócios, o Capital Markets tem como enfoque principal buscar soluções para problemas de empresas. "A solução muitas vezes pode ser o endividamento a longo prazo; a emissão de debêntures ou até a venda de departamentos das empresas. Na década de 70 muitas empresas investiram em áreas diferenciadas apostando no crescimento, e com a crise mais recente acabam concentrando-se na atividade mais forte, o que torna dispensável alguns setores. Quando isso acontece, nós procuramos um comprador e às vezes financiamos a operação; ou até acabamos investindo na empresa — se ela tiver futuro — com direito a posições minoritárias", acrescentou.